



Território Livre

Marcos da
Memória da UnB

Residência
Artística
Erica Ferrari



CALIBAN

EDITORA



UnB

Roberto Fernández Retamar, intelectual cubano, autor do ensaio Caliban, conta-nos que, uma certa vez, em conversa com um jovem jornalista europeu, teria sido indagado se existiria uma cultura latino-americana. "Ora", diz Retamar, "perguntar sobre a existência de uma cultura latino-americana é, afinal, o mesmo que perguntar sobre nossa existência! Retamar, então, é impelido a redarguir o jovem periodista, perguntando: "e vocês, existem?".

O problema, como já se pode ver, tem mil nuances e a resposta, certamente, não é das mais simples. Mas, diante da paradoxal questão, o que parece ser buscado não é simplesmente uma prova ontológica de nossa existência, transformando a questão numa querela medieval, mas, entender de que modo peculiar se daria tal existência. Eis o propósito do ensaio de Retamar sobre o pensamento latino-americano.

Retamar, então, parte da famosa personagem da peça de Shakespeare, A Tempestade, conhecida por Caliban. Anagrama de canibal, numa primeiríssima relação, Caliban é evocado como uma espécie de alegoria-conceito para pôr em evidência, não o tempo da existência da América Latina, da cultura latino-americana, de um pensamento latino-americano, mas a diferença posta por sua existência.

Figura monstruosa aos olhos do europeu, não é de se estranhar, Caliban é descrito, segundo o imaginário da época, como uma besta. Aparência humana, mas, por seus hábitos estranhos, um animal.

Incivilizado e inculto. E, assim, como os animais, deveria ser domesticado. Destino certo, os povos aqui encontrados eram povos domesticáveis aos propósitos da exploração europeia. Cumprindo, pois, sua natureza, o fato é que o autóctone aprendeu a língua do colonizador, mas foi, entretanto, um aluno rebelde, pois, em sua indisciplina com os instrumentos do colonizador, aprendeu a praguejar.

Assim, na figura proposta por Retamar, temos, talvez, a estrutura fundamental de um modo particular de organizar nossa existência. Caliban assimilou a cultura do colonizador, mas tal assimilação não se deu acriticamente. Foi devorada e se tornou, por fim, criação. Caliban tornou-se, assim, símbolo da resistência criativa que, ao longo dos séculos, conferiu ao pensamento e à cultura latino-americana feições totalmente inusitadas.

O Selo Caliban, fruto de uma parceria entre a Editora UnB e a Casa da Cultura da América Latina, espaço ligado à Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, nasce com a missão de proporcionar ao público as reflexões produzidas nas diversas ações que ali se desenvolvem. Espaço de resistência cultural e espaço de resistência intelectual. A indisciplina de Caliban, para dizer como Félix Valdès García, é, ao mesmo tempo, as premissas de nossa emancipação.

Alex Calheiros

Território Livre

Marcos da Memória da UnB

Residência
Artística
Erica Ferrari



Universidade de Brasília

Márcia Abrahão Moura
Reitora

Enrique Huelva
Vice-Reitor

EDITORA



UnB

Germana Henriques Pereira
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos

Território Livre

Marcos da
Memória da UnB

Residência
Artística
Erica Ferrari

Organização

Alex Calheiros, Estefânia Dália,
Erica Ferrari e Gregório Soares



EDITORA



UnB

Olgamir Amância Ferreira
Decana de Extensão

Flávia Motoyama Narita
Diretora de Difusão Cultural

Fabiana Oliveira Machado
Coordenadora das Casas
Universitárias de Cultura

EXPEDIENTE

Realização
Diretoria de Difusão Cultural DEX/UnB

Organização
Alex Calheiros, Estefânia Dália,
Erica Ferrari e Gregório Soares

Revisão
Vilany Kehrlé e Erica Ferrari

Projeto gráfico, diagramação
Helena Lamenza

Imagem da capa
Colagem de Erica Ferrari

Fotografia
Erica Ferrari

Parceria
ADUnB

Sumário

- 6** Território Livre - Um marco de diálogo e criação
- 8** Breve memória de um processo de memória
- 11** O exercício constante da memória
- 12** Comissão de seleção e curadoria
- 20** Registros de uma Residência: memória, resistência e virtualidade
- 30** A artista selecionada
- 34** Território Livre
- 58** Projeto Laboratório-Memória

O15 Território livre, marcos da memória da UnB. Residência artística / organização, Alex Calheiros, Estefânia Dália, Erica Ferrari e Gregório Soares. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2022.
68 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-131-9

1. Residência artística - Brasília - Brasil. 2. Erica Ferrari.
3. Arte - Catálogos. I. Calheiros, Alex. II. Dália, Estefânia. III. Ferrari, Erica.
IV. Soares, Gregório.

CDU 7

Território Livre

Um marco de diálogo e criação

Alex Calheiros

Professor do Depto. de Filosofia da UnB

Gregório Soares

Artista e professor do Depto. de Artes Visuais da UnB

A Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, que autoriza a criação da Fundação Universidade de Brasília e o seu Plano Orientador, tinha como princípio a garantia do livre exercício de cátedra, da diversidade de pensamento, de liberdades científica, artística, cultural e política. Assim, no texto de sua criação, a Universidade de Brasília afirmava sua absoluta autonomia didática e científica. Mas, não tardou muito tempo, o país, e com ele suas instituições, em especial as educacionais e culturais, foram duramente perseguidas. São inúmeros os relatos e documentos que comprovam os momentos de terror, pelos quais a UnB passou. Sucessivas ocupações, interferências em suas atividades científicas, demissões e perseguições, fatos que deixaram marcas profundas.

Como forma de afirmar a sua essência, entre 1964 e 1985, quando a Universidade viu sua autonomia ser mais gravemente ameaçada, surge entre os discentes a expressão: "UnB: Território Livre". A sentença, que se espalhou pelas paredes da UnB, resgatada pela memória de uma fotografia emblemática numas das tantas conversas com a Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade, parceira de primeira hora desta iniciativa, tornou-se o ponto de partida para convocar a comunidade a pensar um passado que, de tempos em tempos, volta a assombrar a liberdade de reflexão e criação, própria da instituição.

Como forma de reafirmar a Universidade de Brasília como espaço de liberdade, a Diretoria de Difusão

Cultural do Decanato de Extensão da UnB e a Associação de Docentes da UnB, resgataram, portanto, a expressão "TERRITÓRIO LIVRE", mote norteador da residência artística que teve como objetivos o resgate da memória e a criação de espaços de debate e reflexão de um momento histórico vivido pela universidade que, no nosso entender, deve ser sempre renovado. Não permitindo, assim, que atitudes como aquelas, de silenciamento, praticadas por seus algozes, não se perpetuem de nenhum modo, no presente.

O material reunido aqui é o resultado do conjunto de ações promovidas pela residência e serve de registro sobre os debates ocorridos, ao longo dos processos reflexivo e criativo. Por meio dos encontros propositivos,

em torno da memória da resistência universitária e afirmação de sua autonomia no presente, é que foram dadas as condições para que se apresentassem os marcos produzidos por Erica Ferrari, artista residente selecionada, e que podem ser consultados neste catálogo.

Por fim, cabe ressaltar que, com a Residência "Território Livre", feita de encontros e diálogos pertinentes, no momento que nos coube, fizemos aquilo que deveria ser feito.

Breve memória de um processo de memória

Paulo E. C. Parucker

Consultor legislativo na Câmara Legislativa do DF

Com a edição do presente catálogo, fica assinalado mais um passo, pequenino que seja, na caminhada coletiva em prol da Memória e contra o Esquecimento. Graves violações de direitos humanos foram cometidas, por agentes públicos ou não, durante a ditadura, atingindo violentamente a comunidade universitária e, de modo peculiar, algumas pessoas, grupos e entidades.

Variadas formas de luta, resistência e oposição à ditadura foram colocadas em movimento. “Se lembrar é um dever”, o relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da UnB (CATMV-UnB) pode até sinalizar uma etapa do dever cumprido. Mas, o registro, apenas, é pouco: lembrar não basta.

É preciso diversificar os meios de levar adiante essa história, evitando que ela se restrinja a notas repousadas numa estante remota. Trata-se de trazê-la viva para, sob as luzes e

sombras do presente, enfrentar as inquietações e desafios que não cessam de nos confrontar no tempo.

Desde que se encerraram, formalmente, os trabalhos da Comissão da Verdade da UnB, em abril de 2015, com a divulgação do seu relatório final, algumas e alguns dos membros seguiram articulando pequenas ações de publicidade dos esforços da CATMV, inclusive um projeto de memorialização no campus.

O início desse trabalho de memória foi cogitado para se dar, circunscritamente, no estacionamento da Associação dos Docentes da UnB (ADUnB), próximo de onde, cinco décadas antes, situou-se o “Barracão da FEUB”, espaço institucional e histórico de mobilização estudantil. Especulou-se dar forma a um parlatório de cimento, ou algo nessa linha, que pudesse se constituir numa marca (de memória), tornando presentes memórias tão caras.

A ação, pensada desde fins de 2018 e reelaborada em seus limites e propósitos, recomposta e redimensionada, acabou por ser alinhavada no âmbito da Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da UnB, em registro colaborativo com pessoas da CATMV-UnB, da ADUnB, da alta direção universitária e de outras interfaces.

A Convocatória Residência Artística Território Livre, cujo nome evoca estratégias da luta anti-imperialista do Vietnam, dos anos 1960, e suas ressonâncias no movimento estudantil - e igualmente na repressão ditatorial contra ele desencadeada -, dialoga com essa construção coletiva.

Esse chamamento veio a público no dia 31 de maio de 2019, no bojo de um debate, organizado por militantes da memória e das lutas estudantis. O ato-debate aconteceu, propositalmente, na entrada centro-norte do Instituto Central de Ciências da

UnB - o charmoso “Minhocão” - num espaço caro às lutas dentro da universidade, o chamado “Ceubinho” - brilhante solução arquitetônica de estada e de passagem no campus Darcy Ribeiro, ela mesmo um peculiar lugar-testemunho.

Passados 42 anos, rememorava-se o início da histórica greve de 1977, na UnB, marco temporal relevante a ligar os acontecimentos da Universidade e de Brasília à agitada conjuntura nacional de então, e ao processo de hesitante distensão política do regime, após mais de uma década de repressão violenta: vivia-se o retorno de manifestações estudantis e populares pela volta das liberdades democráticas.

Vale acrescentar, às várias camadas dessa história, os tempos bicudos do presente, de ataques ao pensamento, à educação, à universidade; tempos de militarização do serviço público, de saudação oficial a torturador, tem-

pos de negacionismo obscurantista. E, contra isso, seguir lutando.

Lançado o edital, tratou-se do processo de seleção de proponente para, no transcurso de uma breve residência artística, chegar-se a essas memórias, discuti-las, reelaborá-las e apresentar seu projeto de memorialização. A experiência, com as contingências ligadas à Covid-19, foi vivida em chave remota, via internet, redes sociais, webinários, lives, gravações. Em pauta, um projeto factível de monumento ou obra artística no campus, a partir de orçamento módico, tendo no horizonte margem para projeto mais amplo, no sentido de sinalizar, especialmente, algumas marcas de memória.

Penso que, em relação ao resultado concreto da seleção, a Convocatória Território Livre foi bastante bem sucedida, nomeadamente na escolha

de Erica Ferrari e, depois, no segundo semestre de 2020, na conclusão da residência artística com debate e apresentação dos produtos, nos termos do instrumento de chamada.

Celebro, assim, a estimulante troca de informações, apreciações, experiências e visões de mundo, possibilitada pelo ambiente virtual durante os dias de pandemia. Saúdo, com muito gosto, os interessantes projetos artísticos, afinal apresentados, e torço para que, oportunamente, ganhem materialidade e atuação no labor memorial. Sobre o sucesso, o catálogo fala por si mesmo.

Em vez de agradecimentos nominais, e ante a circunstancial restrição sanitária a efusivos abraços, deixo uma afetuosa saudação a tanta gente com quem temos compartilhado essa caminhada, que segue. Um pé depois do outro. Entre memórias e utopias.

O exercício constante da memória

Jacques de Novion
Presidente da ADUnB-SS

A Residência Artística Território Livre - Marcos da Memória da Universidade de Brasília é uma importante iniciativa que recupera a história de nossa universidade, por impulsionar a memória e os espaços onde diversos acontecimentos, em épocas distintas, marcaram nossa instituição nestes quase 60 anos de fundação.

Parceria da Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da UnB (DDC/DEX) e a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), a residência possibilita o exercício constante da memória, das particularidades temporais e espaciais, que fazem da história de nossa instituição tão marcante;

também permite às novas gerações da comunidade universitária, aos frequentadores do campus Darcy Ribeiro e à sociedade do Distrito Federal, vivenciar essa história, mantendo o passado no presente do cotidiano e brindando perspectivas para o futuro.

Da ditadura civil-militar ao neoliberalismo autoritário dos tempos atuais, a UnB está marcada por invasões, prisões, demissões, perseguições, interrupções, desaparecimentos, ameaças, ataques, paralisações, greves, acampamentos, ocupações, dentre outros, que marcaram, e continuam a marcar, o dia a dia da instituição.

A Associação dos Docentes da UnB - Seção Sindical (ADUnB-SS), desde a gestão ADUnB Viva (2018-2020), e na atual ADUnB Sempre Viva (2020-2022), considera fundamental apoiar e estimular a memória da/na UnB. Essa marca tem profundo vínculo com as diferentes contribuições feitas por diferentes gerações de estudantes, docentes, técnicos e técnicas administrativas, que atravessaram diferentes momentos e conjunturas. Ontem e hoje, nos atrevemos a sonhar.

Comissão de Seleção e Curadoria

11. ENEMAS

a) O

b) O

qualquer vinculação
pém seu vínculo de
festas de protesto pa
BRASIL

BRASIL

e) Na UnB, quan

Faculdade que
os dirigentes
SE FLAVIO TUCI
BIANO GUNHA. Ess
JAIME FREITAS

rias reunião
nessa época
REIRA (ALIA
REIHA/PC

Quando Reg),
do B)-(C
REIHA/PC
quando

do Reg
do Reg
do Reg

do Reg
do Reg
do Reg

do Reg
do Reg
do Reg

com di encontra-
fmg O/CB (AV ATA
dagar ENEMAS ainda
magá respondendo

DO SOBIPPOCA, e d
IBO pelo PCB.

SE aqui em BRASA
at suas irmas F
aíto bem conheci
conversas sobre

Erica Ferrari



ALEX CALHEIROS

Alex Calheiros,
professor do
Departamento de
Filosofia da UnB.

Bacharel e Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo, é professor de Ética e Filosofia Política na Universidade de Brasília. Foi diretor de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, do final de 2016 a janeiro de 2021.

Estefânia Dália é Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade de Brasília, onde atuou também como Coordenadora das Casas Universitárias de Cultura (Casa da Cultura da América Latina e Casa Niemeyer) e produtora cultural. Graduiu-se em Engenharia Florestal pela Universidade de Brasília e realizou o mestrado em Ciências Florestais (área de concentração - Conservação da Natureza - Recuperação de Ambientes

Degradados) pela mesma universidade. Possui ainda segunda graduação em Pedagogia pelo Instituto Brasileiro de Educação do Distrito Federal - IBDE / DF. Atuou como fotógrafa autoral, com parte da sua formação no Instituto de Educação Superior de Brasília -IESB, cursos avulsos no Brasil e Itália, onde participou de exposições coletivas no Museu Nacional e em Cuba, entre outras.

ESTEFÂNIA DÁLIA



Estefânia Dália,
fotógrafa e
técnica da UnB.

Gregório Soares Rodrigues é artista, curador e professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília desde 2015. Mestre em Poéticas Contemporâneas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB. Participa de exposições coletivas, prêmios e salões desde 2007. Em 2012 foi finalista do prêmio EDP nas Artes do Instituto Tomie Ohtake e integrou o Programa Educativo da 30ª Bienal de São Paulo. Entre 2017

e 2018 atuou como curador da Casa da Cultura da América Latina – UnB. Entre 2019 e 2020 coordenou o programa das Casas Universitárias de Cultura da UnB. Em 2016 realizou a exposição Geografia do Atopos, na Alfinete Galeria, com o prêmio do Fundo de Apoio à Cultura – FAC/DF, em Brasília. Em 2021 foi curador geral do Festival Desenho Vivo, com realização e patrocínio do Centro Cultural Banco do Brasil.

GREGÓRIO SOARES



Gregório Soares, artista e professor do Departamento de Artes Visuais da UnB.

MARC BERDET



Marc Berdet, professor Visitante do Departamento de Design pela UnB.

Especialista em Filosofia Alemã e Filosofia Francesa, com ênfase na Teoria Crítica, atualmente é professor visitante do Departamento de Design da UnB. É mestre e doutor em Filosofia e Sociologia pelas Universidades Paris 1 Panthéon-Sorbonne e Paris 7 - Denis Diderot. Realizou Pós-Doutorado, com bolsa da Deutscher Akademischer Austauschdienst e Marie Curie Intra Euro-

pean Fellowship, na Universidade de Potsdam (Alemanha), bem como com bolsa FAPESP na Universidade de São Paulo. Ministrou Filosofia, Sociologia e Antropologia, na Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne foi professor-pesquisador convidado na Universidade Pontifícia Católica de Valparaíso (Chile) e na Universidade Nacional Autónoma do México.



PAULO PARUCKER

Paulo E. C. Parucker,
consultor legislativo na
Câmara Legislativa do DF.

Licenciado em História, especialista em História Cultural pela UnB, é mestre em História Social do Brasil pela Universidade Federal Fluminense. Consultor legislativo na Câmara Legislativa do Distrito Federal, desde 1993, é lotado na unidade da Assessoria Legislativa ligada a temáticas de educação, saúde, cultura e direitos humanos. Foi assessor do secretário-executivo do Ministério do Trabalho e Emprego, entre 1997 e 2004. Em 1987 e 1990, foi professor de História no ensino fundamental e médio, nas redes pública e priva-

da do Distrito Federal. Entre 2012 e 2015, foi pesquisador e membro da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da UnB. Entre 2006 e 2009, foi membro titular do Conselho Distrital de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. É autor dos livros "Praças em Pé de Guerra: o Movimento Político dos Subalternos Militares no Brasil (1961-1964)" e a "Revolta dos Sargentos de Brasília" e de artigos acadêmicos e técnicos. É membro-consultor da Comissão de Memória e Verdade da Ordem dos Advogados do Brasil (DF), na gestão 2019-2021.

Arquiteto e pesquisador, o seu design e prática pedagógica abrangem diferentes territórios, geografias sociais e mídias. Ensinou Design e Culturas Visuais na Faculdade de Arquitetura, Desenho e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Equador, em Quito, e coordenou o programa de Mestrado do Centro de Pesquisa em Arquitetura da Goldsmiths, em Londres. Atualmente é professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Seu trabalho integrou exposições e publicações em diferentes países, incluindo Harvard Design Magazine Triennale de Arquitetura de Oslo, Bienal de Design de Istambul e a Bienal de Arte de São Paulo. É autor dos livros "Selva Jurídica" (2014), "Memória da Terra" (2018) e "Des-Habitat" (2019). Em 2017, criou a agência autônoma, plataforma dedicada à pesquisa e intervenção urbana. É colaborador do coletivo Forensic Architecture e foi pesquisador do Canadian Center for Architecture (2018-2019). Também foi co-curador da Bienal de Arquitetura de Chicago 2019.

PAULO TAVARES



Paulo Tavares,
arquiteto,
pesquisador e
professor da
Faculdade de
Arquitetura e
Urbanismo da UnB.

Registros de
uma Residência:
memória,
resistência e
virtualidade

e) Manteve relação

VEIRA MICHELLI

203

ACHE

AP

d)

Pe...
de...
ní...
sa...
sobre política. E...
pot...
ta...
Dos moradores da SQN-4 fora de...
uma organização subverbidada

esquerdistas
tentado por
radadores "C...
cinacção

consi-
bom
ver -
s de
'an-

Switzerland
apresenta

8. Qualificação
Qualificação
Qualificação

Qualificação
Qualificação
Qualificação

Qualificação
Qualificação
Qualificação

Qualificação
Qualificação
Qualificação

Qualificação
Qualificação
Qualificação

Qualificação
Qualificação
Qualificação

Registros de uma Residência: memória, resistência e virtualidade

Alex Calheiros, Estefânia Dália
e Gregório Soares

A Residência Artística Território Livre teve como propósito provocar o debate e a produção artística, tendo como centro norteador a história da Universidade de Brasília durante o período do regime militar. Um projeto moderno de universidade, não somente em sua arquitetura, mas, sobretudo, em sua proposta pedagógica, e, talvez, por isso mesmo, a universidade mais violentada em sua autonomia pelo regime que se perpetuou no poder de 1964, ano do golpe de estado, até início da década de 1980. Período que deixou, portanto, marcas profundas na memória e na vida institucional.

A partir dessa premissa, isto é, tendo como pano de fundo a memória dos fatos que marcaram a resistência da UnB aos arbítrios de um regime autoritário, a artista selecionada pela Convocatória Território Livre, Erica Ferrari, cuja vinda para Brasília es-

tava prevista para abril de 2020, no intuito de realizar presencialmente sua residência, teve a vinda suspensa devido ao período de isolamento social imposto pela pandemia, até que um novo horizonte para retomada das atividades presenciais se concretizasse -, o que não ocorreu até o momento da escrita desta publicação.

Se, por princípio, as residências artísticas consistem na atuação em um espaço externo àquele habitual da/o artista, ao supor que o deslocamento para fora de seu meio é importante para que se possa, pelo distanciamento crítico, proporcionar um aprofundamento nos processos de criação, impactado por novas questões e enfatizando o caráter investigativo da produção, as novas condições sociais, infelizmente, impuseram limites radicais a essa iniciativa.

No momento em que pessoas do mundo inteiro se encontram isoladas em suas moradas, pensar em atividades remotas se tornou um desafio para todo o universo da produção cultural. Da nossa parte, não nos furtamos a repensar o que, até então, eram considerados os fundamentos de uma residência artística e foi assim que esta se cumpriu, remotamente.

Dessa maneira, definiu-se como plano de trabalho um eixo central com quatro encontros virtuais públicos, para troca entre a artista e a comissão de seleção, curadoria e produção, seguidos de debates abertos ao público, além do projeto de pesquisa apoiado pela equipe que acompanhou diretamente os desafios do percurso. O trabalho da comissão procurou aproximar a artista, com suas demandas, para a criação do projeto que pouco a pou-

co foi se definindo, sendo discutido e munindo-a com os mais diversos materiais, como fotografias, filmes, e sobretudo documentos históricos, para que a experiência virtual não se tornasse arremedo da experiência presencial mas, ao contrário, pudesse se realizar plenamente de modo remoto.

Na primeira sessão, o historiador Paulo Parucker apresentou os trabalhos da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da UnB, colocando em pauta a ideia de justiça de transição, série de procedimentos criados a partir da segunda metade do século XX que tem como objetivo enfrentar e superar grandes traumas, pelos quais as sociedades passaram, como guerras civis e violentas ditaduras. A justiça de transição apresenta quatro grandes caminhos: o primeiro é da reparação, tanto material

quanto simbólica, às vítimas ou seus familiares, e na construção de memoriais públicos e sua devida manutenção e reflexão política; o segundo eixo é o da "restauração da verdade", onde entram as comissões da verdade, que podem assumir diferentes formatações. Em alguns países essas comissões, não apenas restauram os relatos dos fatos como podem promover a sua pacificação, seus devidos perdões e responsabilizações; o terceiro eixo é o de responsabilização judicial, por fim, o quarto aspecto, é o da reforma das instituições, que tem como intuito extirpar os traços autoritários que elas, porventura, mantêm, e para que se tornem também espaço de conscientização e prevenção.



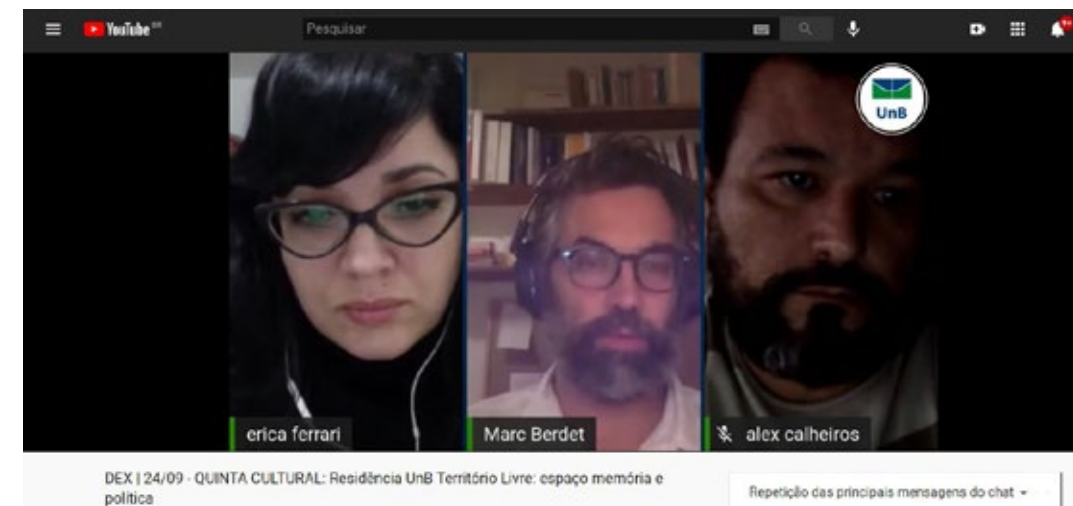
Mesa de abertura: UnB e Memórias da Ditadura. Erica Ferrari, Gregório Soares, Alex Calheiros e Paulo Parucker.



Apresentação de Paulo Parucker: UnB e Memórias da Ditadura.

Na segunda semana a apresentação contou com a presença do professor e pesquisador, Marc Berdet, que defendeu os temas Política, Estética e Memória. Com a apresentação intitulada “A encenação da memória traumática: o exemplo chileno”, ele também discorreu sobre a obra cinematográfica de Patricio Guzmán, desenvolvendo uma crítica sobre o conceito de Memória, Lugares de Memória e Espaços de Reminiscência. Particularmente interessante, na análise feita por Berdet, foi a distinção entre Espaço de Memória e Espaço de Reminiscência, que diz respeito diretamente à questão posta pela residência, que busca levantar quais iniciativas a comunidade universitária poderá

construir para que os fatos, vividos na instituição, se tornem motivo de reflexão e formação, criando efetivamente as condições para que um dia a universidade possa construir espaços que provoquem a memória e a sensibilização do público sobre aquilo que a atingiu profundamente e que deixou marcas que ainda refletem no presente. Desse modo, o amadurecimento da reflexão sobre a resistência no passado, e a que fazemos no presente, deveria um dia se materializar, inscrevendo-se nos espaços cotidianos e nos eventos históricos que ocorreram, e assim possam se transformar, motivando a comunidade para a reflexão do que restou da ditadura entre nós.



Residência Território livre na Quinta Cultural da Semana Universitária da Universidade de Brasília: Espaço de memória e política. Erica Ferrari, Marc Berdet e Alex Calheiros.



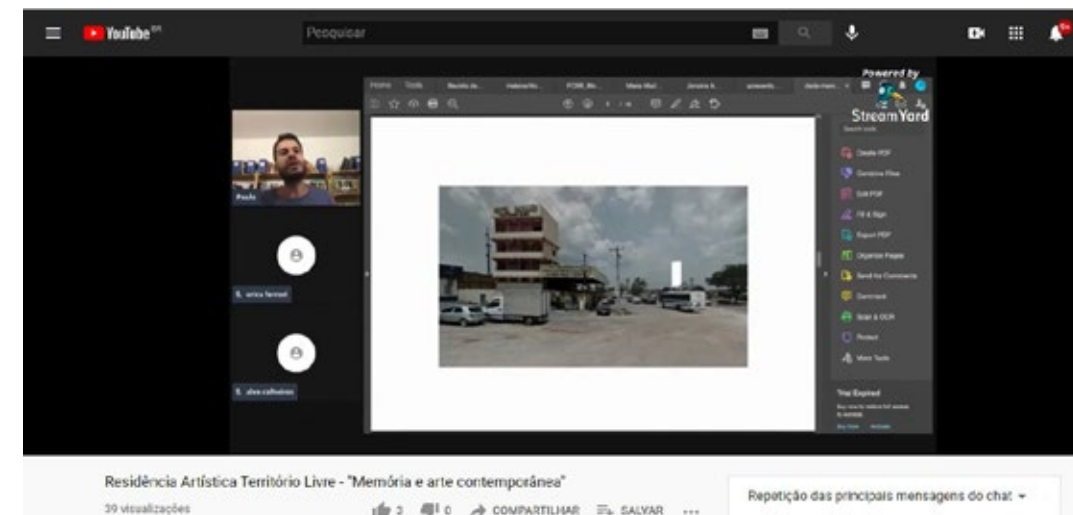
Apresentação de Marc Berdet: A encenação da memória traumática. O exemplo chileno.

Paulo Tavares refletiu, na terceira semana de residência, sobre o tema Memória e Política, dedicando sua fala ao tema da reparação histórica, memoriais e arte contemporânea, e aproveitou para apresentar projetos de sua autoria que problematizam diretamente tal contexto. Tavares explanou sobre reparações históricas e apropriações culturais, especialmente de objetos oriundos de exploração escravagista, mostrando como a arte e a questão da memória, em territórios de disputas, estão reconfigurando o tecido da arte contemporânea, suas estruturas e instituições, os limites do regime de visibilidade e de sensibilidade que são, em última instância, instaurados e mantidos por essas instituições que operam os sentidos conceituais de "arte" e, portanto, como

essa manutenção nas estruturas de poder está calcada na colonialidade racial. Ele nos mostrou, ainda, que a reflexão de uma política de descolonização, em ações museográficas, é uma questão central para a arte contemporânea; não apenas na sua manifestação formal, mas talvez em sua representação estrutural, enquanto objetos que foram saqueados e entraram para um regime do visível como algo que não era ocidental, não era moderno, que era tido como primitivo, tradicional, vernacular, e são ressignificados. Enfim, um projeto de desconstrução de um regime de sensibilidade e visibilidade que implica numa espécie de reestruturação da maneira como arte é feita, circula e é institucionalizada em tais espaços.



Terceira apresentação pública: Memória e arte contemporânea. Paulo Tavares, Erica Ferrari, Marc Berdet e Alex Calheiros.



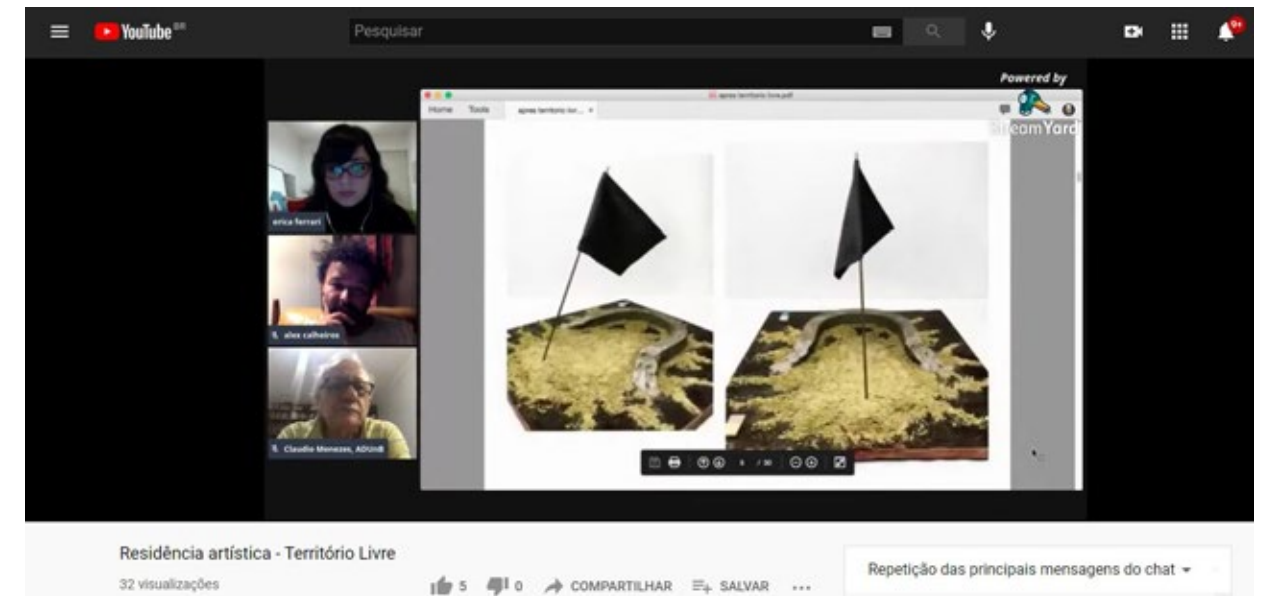
Apresentação de Paulo Tavares sobre reparação, a relação da memória e memoriais, e a arte contemporânea.

No último encontro da residência Território Livre, a artista residente, Erica Ferrari, sublinhou que seu projeto foi pensado e desenhado dentro da perspectiva do edital: de ser um projeto que fosse um marco de memória a ser instalado dentro da universidade, de modo que sua configuração pudesse ser produzida em diversos locais do campus, não como um elemento único e monumental na paisagem, mas, em pontos diversos e menores, locais de memória que pudessem incentivar o encontro e a experiência, não apenas como lugar de memória dos acontecimentos do regime ditatorial, mas também visando o futuro, de modo a promover agremiações, práticas de discussão e conversas entre a comunidade acadêmica.

Outro ponto ressaltado pela artista foi a relação do corpo com o espaço no projeto da obra, já que o corpo, durante processos persecutórios, é um lugar de privação. Nas fotografias das greves e da invasão da universidade; na cena do estudante encurralado e do soldado ostensivo; a primeira coisa que nosso olhar apreende é justamente a violência que se impõe sobre esse corpo, privando-o da sua liberdade. A proposta dos marcos criados por Erica Ferrari busca então criar, no território da universidade, espaços que provoquem encontros e conversas, o que significa instaurar nesse espaço, marcado historicamente por arbitrariedades, um lugar aberto, um território livre.



Encerramento da Residência Território Livre. Erica Ferrari, Alex Calheiros e Cláudio Menezes.



Apresentação do projeto Território Livre, por Erica Ferrari.

Experimentos no corpo
do

A artista selecionada

AFIRMAR
que eu ia ser
torturado

A NOVA CAPITAL DO BRASIL
R: ALGUNS CONTRA-MUITOS A FAVOR
TODOS BENEFICIADOS!

d) Residência em BRASÍLIA, DF, onde reside atualmente com a esposa HELOÍZA e dois filhos, que é de assessoria de imprensa e trabalha no setor de comunicação da UNB e ingressou em 1970 e, no ano seguinte, foi professor de Estudos Sociais na Universidade de Brasília por meio de uma indicação de seu amigo político JORGE VEITARIAN e oportuna que, RAYNALDO era conhecido em BRASÍLIA.

e) Foi professor de Estudos Sociais na Universidade de Brasília por meio de uma indicação de seu amigo político JORGE VEITARIAN e oportuna que, RAYNALDO era conhecido em BRASÍLIA.

f) A indicação de sua nomeação para o cargo de Chefe de Gabinete da Presidência da República foi dada pelo então Presidente da República, General Média Euzébio de Almeida Costa, em 04 de Outubro de 1974.

Erica Ferrari

Colagem, Erica Ferrari



Erica Ferrari, artista Visual.

Erica Ferrari

Erica Ferrari é artista visual e pesquisadora. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP) sob orientação da Prof. Dra. Giselle Beiguelman. Mestre em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA USP) sob orientação do Prof Martin Grossmann. Pesquisadora associada ao LabOUTROS da FAU USP. Colaboradora do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC).

Nos últimos anos, Erica desenvolve pesquisa acerca da relação entre construções tridimensionais e a formação da identidade no espaço público. Originou-se de um estudo das camadas históricas dos palácios nacionais brasileiros, com foco naqueles que guardam passagens de luta e violência e que funcionam atualmente como museus ou espaços culturais. Estes edifícios desempenham o papel de monumentos, mesclando ao mesmo tempo a ideia de patrimônio e de marco glorificador de fatos e pessoas, inclusive aí podendo perecer com sua destruição por novos agentes insatisfeitos com os significados exaltados na sua existência como tal.

A partir disso, a transformação desses espaços em museus ou centros culturais parece amortizar essa função de glorificação do poder própria dessas edificações, absolvendo-os de seu passado e tornando-os relevantes somente por sua estética e sua idade. A pesquisa evoluiu para abranger outros espaços que possuem características semelhantes e que atuam como construções da formação da identidade local a partir do seu uso e da memória cultivada.

Nas obras, questões relativas à construção, destruição, display, exposição e resignificação de um local histórico são exploradas, refletindo os resultados de pesquisa e investigação plástica a partir de coleta de diferentes registros históricos, incluindo vestígios materiais, matérias de jornal e postagens virtuais das redes sociais e de informação. Os trabalhos retêm a matéria, a composição, textura e odor dos elementos dispostos, muitos encontrados pela cidade, outros confeccionados com materiais da construção civil, como cimento, gesso, compensados, lona plástica e ferro; materiais de descarte, como entulho; e materiais preciosos, como letras de cobre e ouro.

Os elementos têm como referência formal e funcional os displays expositivos institucionais, constituídos de madeira, ferro e vidro, seus conteúdos, como vestígios e réplicas. Também dispositivos de reprodução construtiva, como moldes, e de restauro e conservação de peças, como plataformas de armazenamento.

Cada lugar histórico é fruto de uma infinita cadeia de escolhas de protagonistas de diferentes épocas e implicações políticas, sendo que os registros, sejam materiais ou textuais, trazem em si um pedaço de memória eleita para constituir a imagem atual do local. A ideia é prover uma experiência condensada dessas múltiplas camadas de tempo e interpretações através da obra.

Território Livre



FRAGILE

Território Livre

Erica Ferrari

Uma cruz - uma marcação no espaço, um gesto do homem que delimita um ponto e instaura uma conquista ali - colonial ou moderna - brasil ou Brasília.

Um semicírculo - uma conjunção de pontos formando uma rede de conexão, uma formação que se constrói coletivamente - dos povos originários ou das comunidades periféricas - brasil ou Brasília.

O gesto do homem que determina também é o gesto que acarreta uma mudança - destruição e construção - que se alternam e fundam nossa noção de sociedade - culta, histórica, progressista: a ideia de algo que vem depois de outro se dá rumo a uma

evolução, se dá rumo à utopia. Mas, não era o inverso? A utopia não era a mais pura construção coletiva?

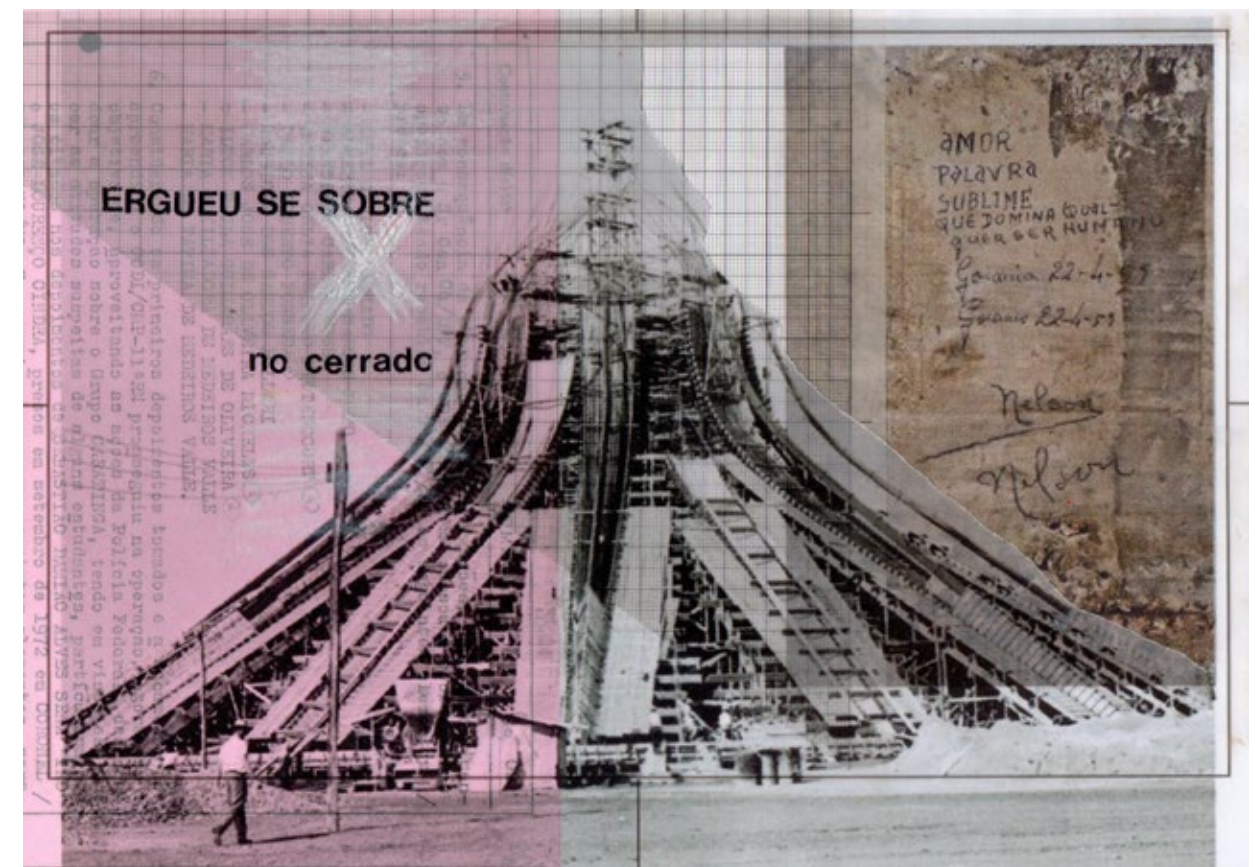
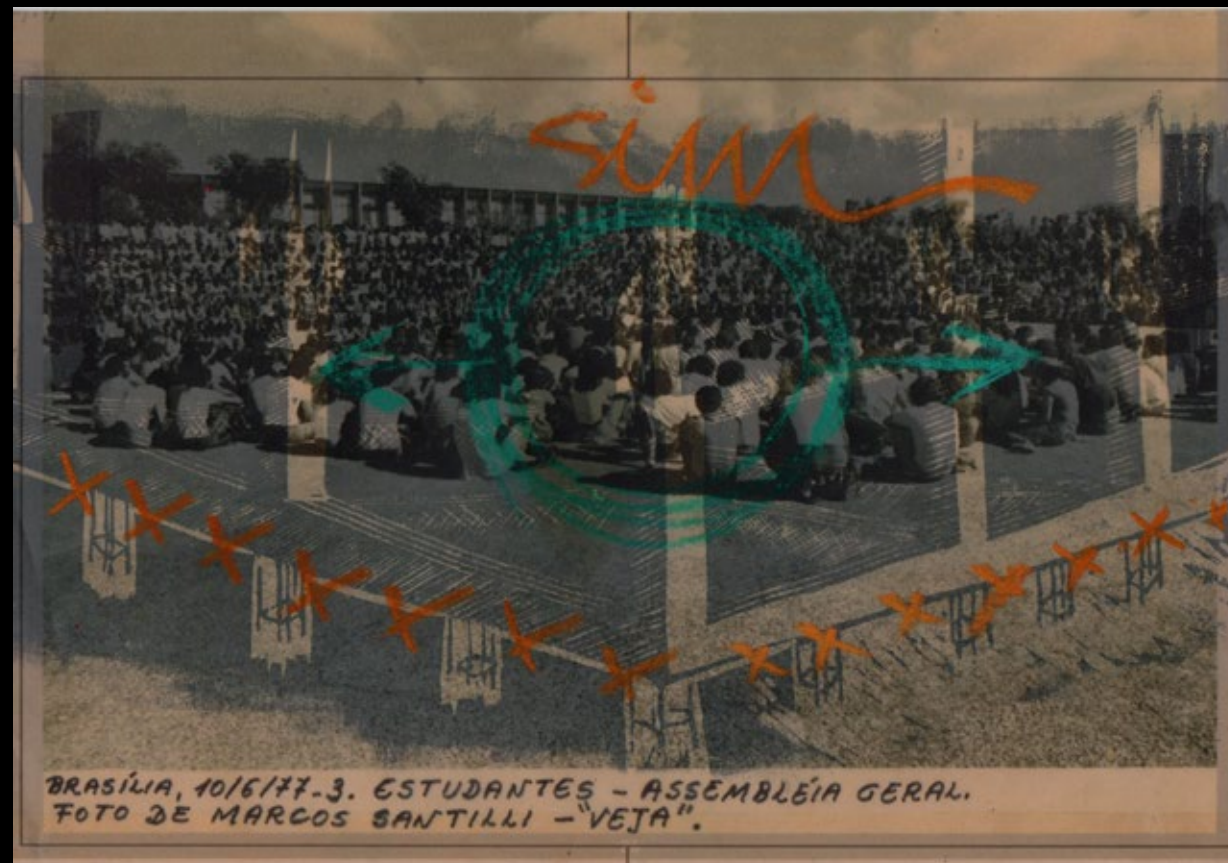
A Universidade de Brasília, fundada nos primeiros anos da década de 1960, era uma das formas possíveis dessa utopia - um direcionamento ao exercício humano de pensamento e crítica livre, de formação e compartilhamento de conhecimento. Sua edificação foi marcada, também, pelo gesto humano no mapa, assim como foi com a nova cidade de Brasília: dois eixos se estendendo pela paisagem, formando um corredor central com ilhas de vegetação. Mas, a almejada evolução dos anos subsequentes apresentou-se pelo avesso - um longo período de terror, com a

privação sistemática de corpos, mentes e da vida social. A repressão da ditadura militar foi sentida em toda sua intensidade por alunos, professores e funcionários.

Esse projeto trata sobre isso: se a realidade distópica nos insere em uma confluência de novos procedimentos de vigilância, em detrimento do valor da vida humana, ainda temos esses nossos corpos, passíveis de usufruir um abarcamento físico do mundo, do outro, da nossa realidade. O memorial, proposto aqui, é um acolhimento a esse corpo - seja alongado no côncavo escavado na terra e recoberto por grama; seja na pequena colina que abriga o mastro de uma bandeira - as bandeiras de hoje,

a bandeira que cada um pode hastear; seja no banco em formato de semicírculo construído de concreto. O corpo que se junta a outro, e a outros, para debater ideias e planos de construção de outras realidades. O corpo que lutou nos anos de chumbo - sob tortura e sob o espectro último da morte, de seu fim, aqui se guarda sua lembrança, escrita no cimento fresco por quem foi testemunho da história e por quem a está formando hoje: faz-se um convite, então, a este momento de comunhão, de registro na pedra da dor do passado e do comprometimento da Universidade como de fato, um TERRITÓRIO LIVRE.

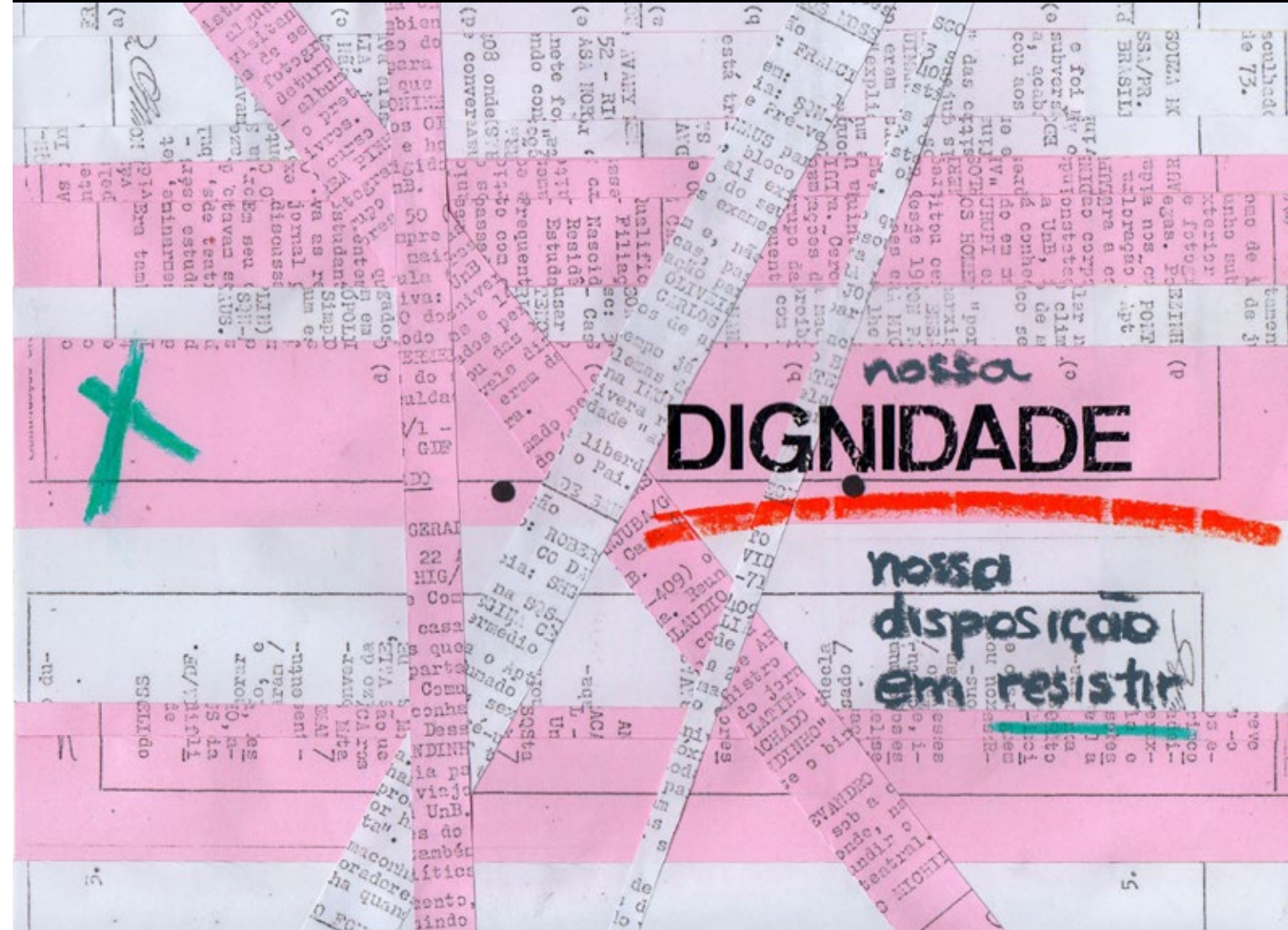
Colagens,
Erica Ferrari.

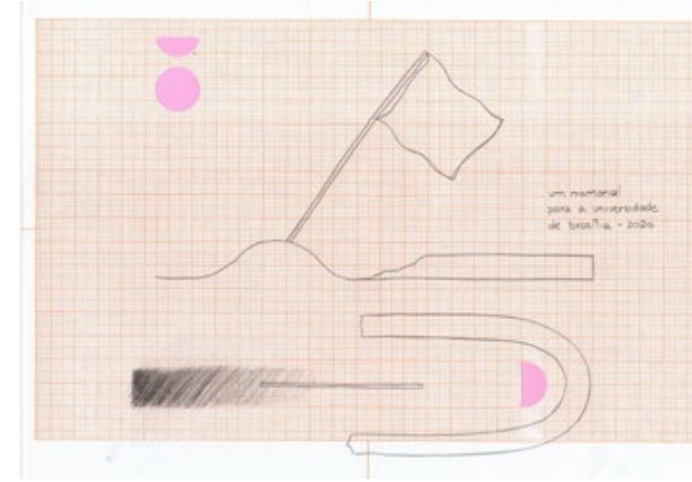
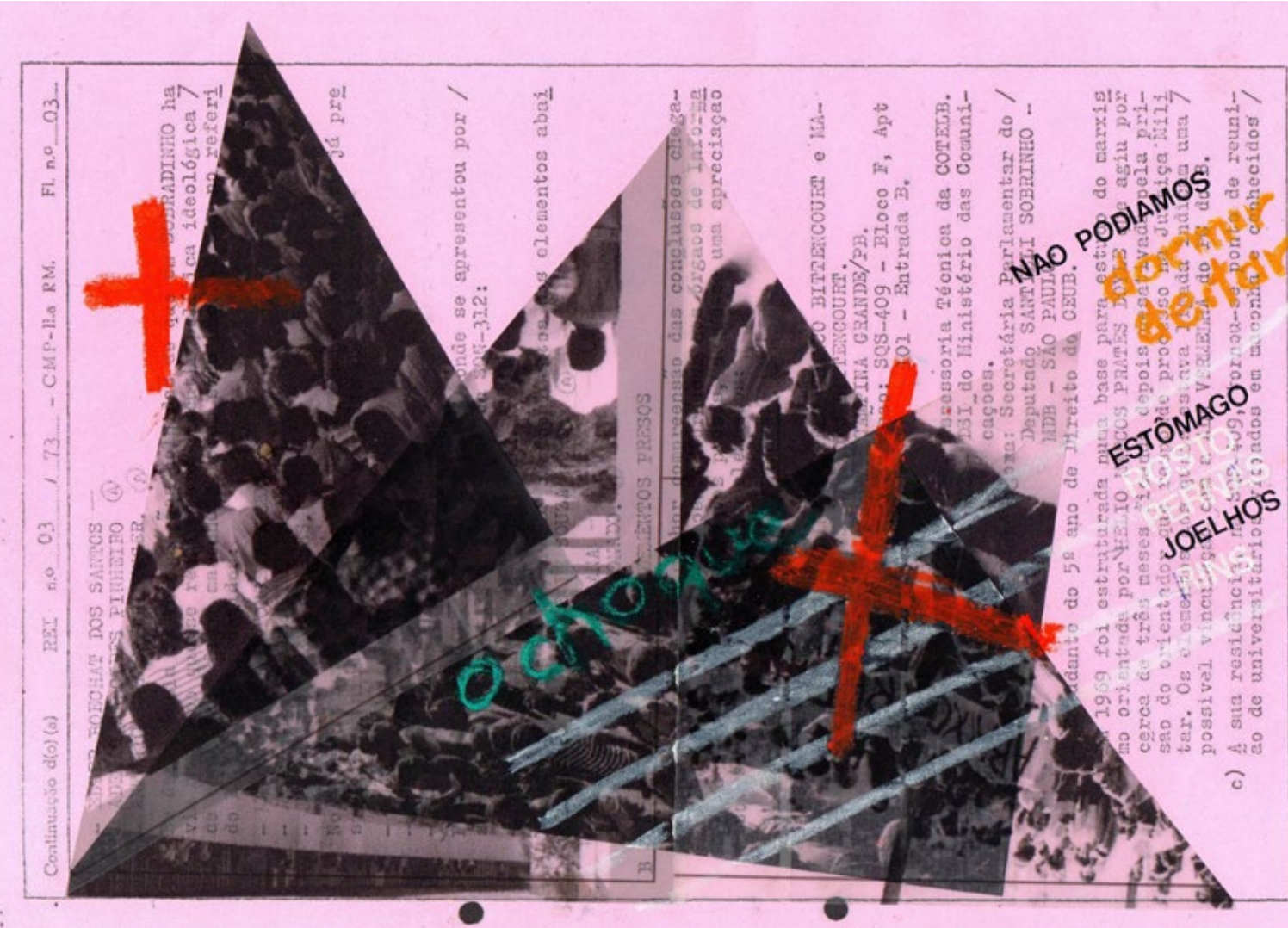




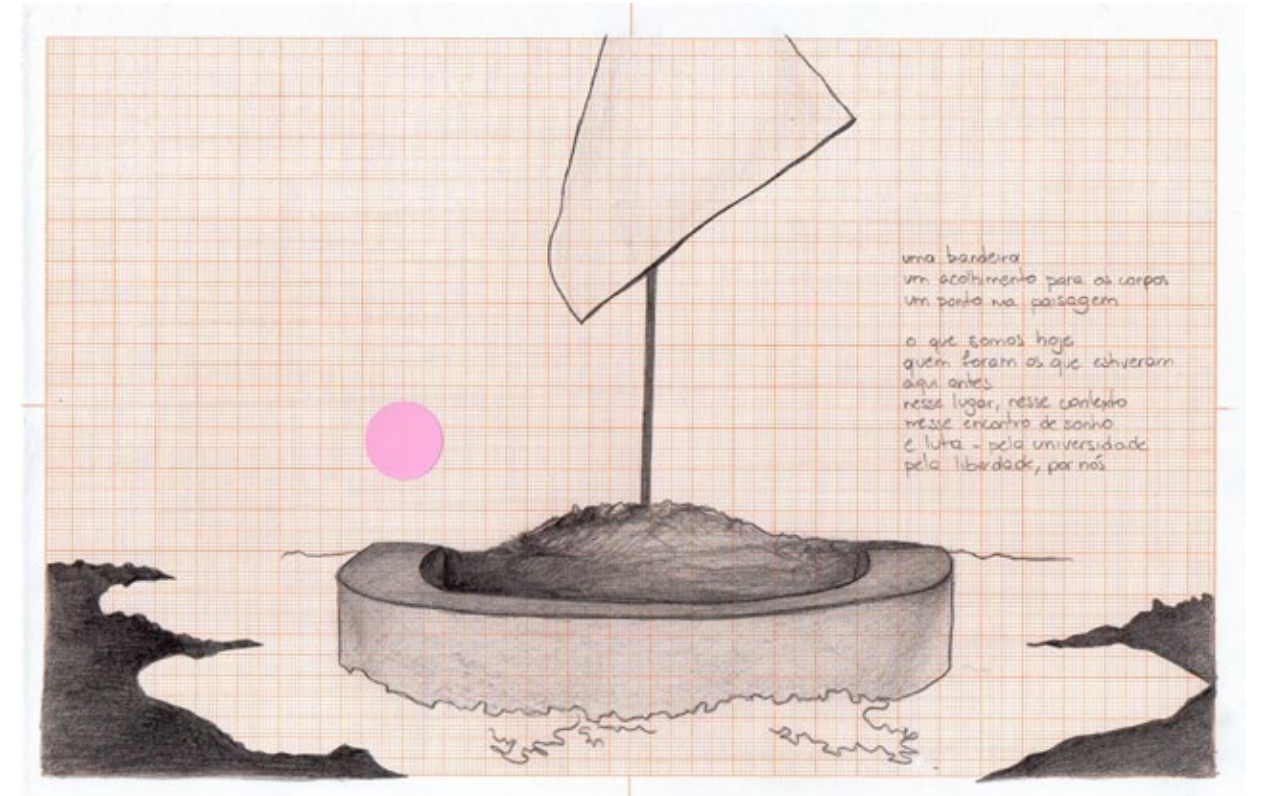
Colagem,
Erica Ferrari.

Colagens,
Erica Ferrari.





Desenhos projetivos, Erica Ferrari.



Processo de execução de maquete,
Erica Ferrari.



Processo de execução de maquete,
Erica Ferrari.





Maquete,
Erica Ferrari.

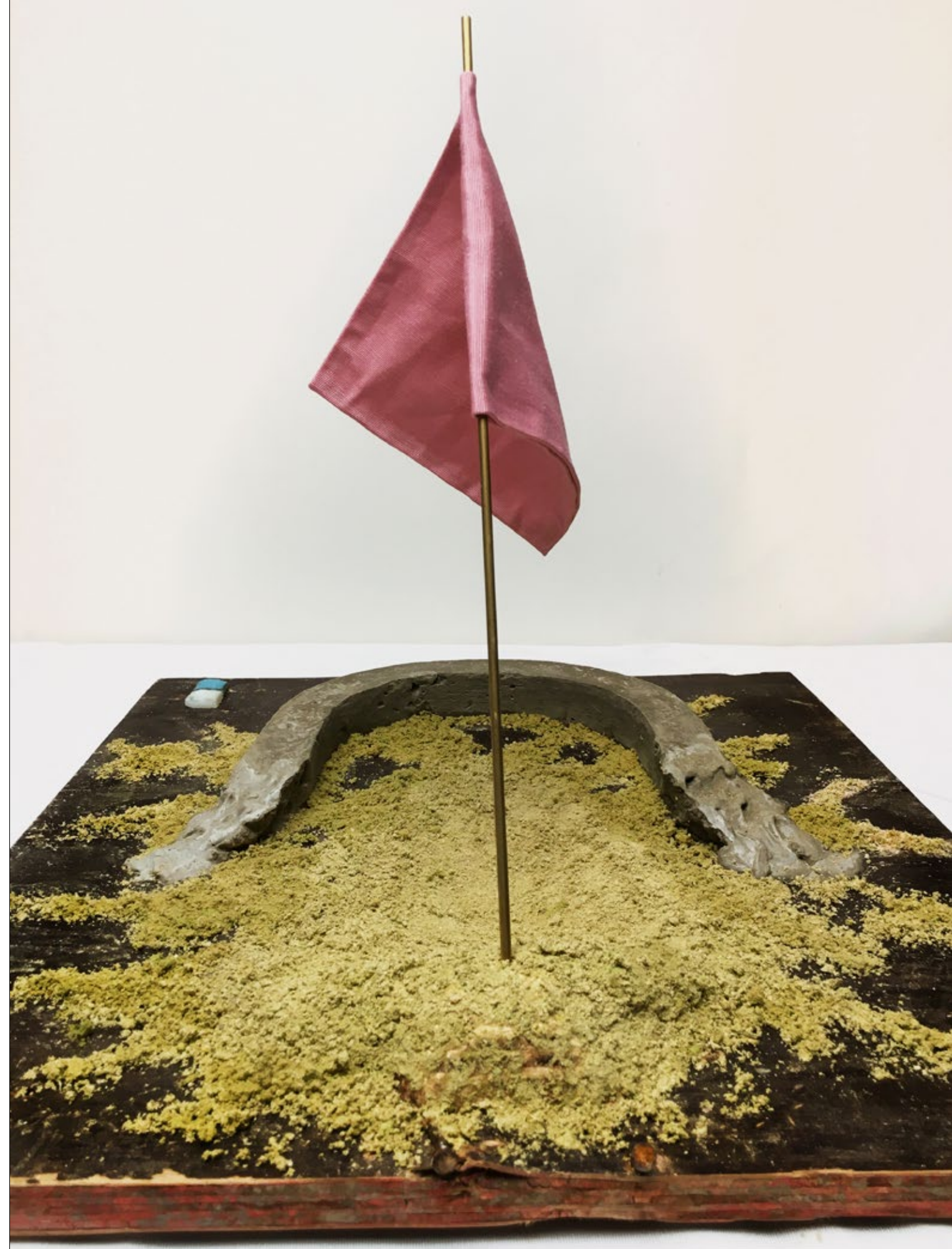




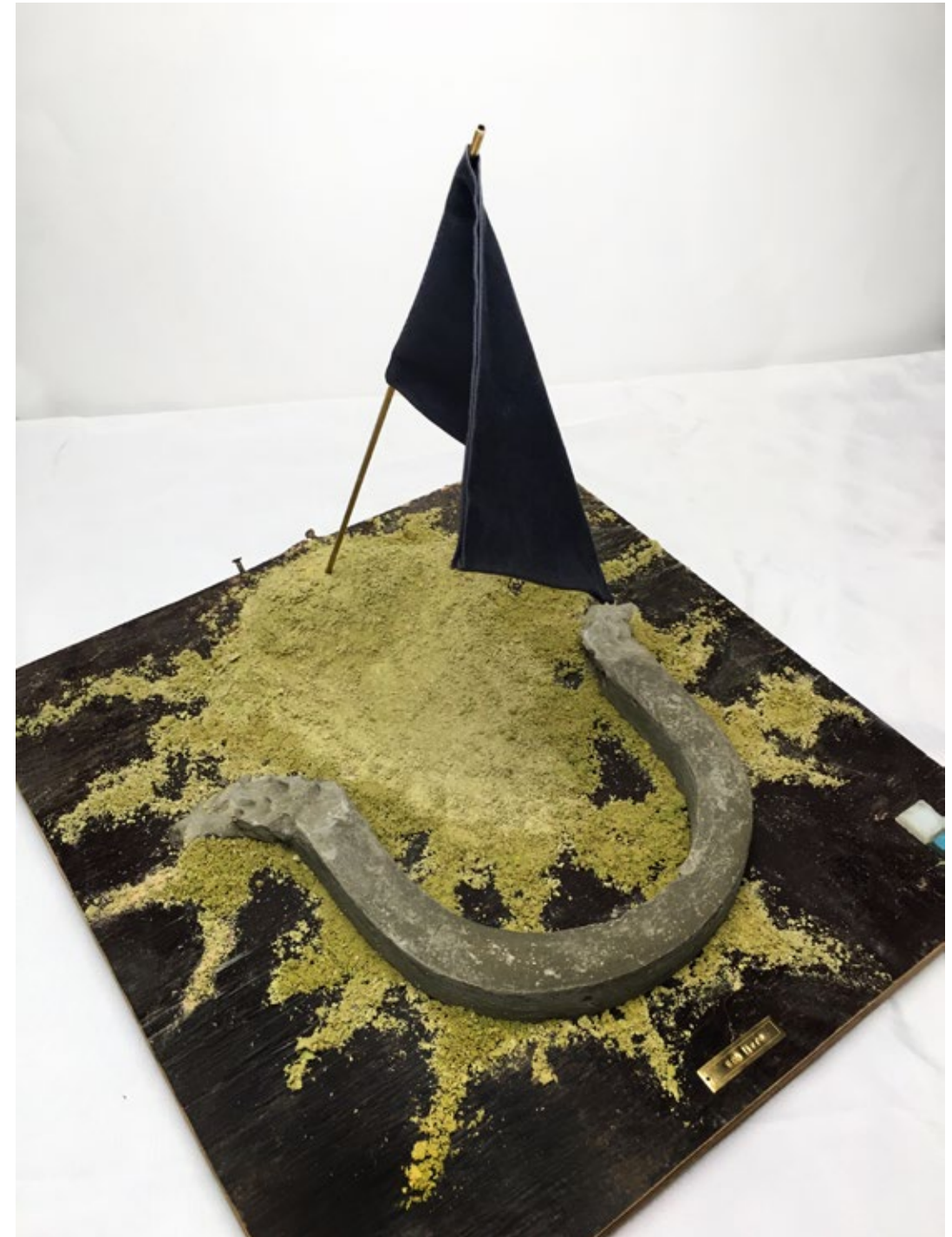
Maquete,
Erica Ferrari.



Maquete,
Erica Ferrari.



Território Livre,
Erica Ferrari.



CONFIDENCIAL

W

N
J
K

REL ESPECIAL DE INFO Nº 03

- 1. ASSUNTO: TRFITA DO SUBVERSIVA NO 1210 UNIMARSA
- 2. ORIGEM: CMP/11 e R.11
- 3. CLASSIFICAÇÃO -
- 4. DIFUSÃO: 612 - I, 613 - II, 614 - III, 615 - IV, 616 - V, 617 - VI, 618 - VII, 619 - VIII, 620 - IX, 621 - X, 622 - XI, 623 - XII, 624 - XIII, 625 - XIV, 626 - XV, 627 - XVI, 628 - XVII, 629 - XVIII, 630 - XIX, 631 - XX, 632 - XXI, 633 - XXII, 634 - XXIII, 635 - XXIV, 636 - XXV, 637 - XXVI, 638 - XXVII, 639 - XXVIII, 640 - XXIX, 641 - XXX, 642 - XXXI, 643 - XXXII, 644 - XXXIII, 645 - XXXIV, 646 - XXXV, 647 - XXXVI, 648 - XXXVII, 649 - XXXVIII, 650 - XXXIX, 651 - XL, 652 - XLI, 653 - XLII, 654 - XLIII, 655 - XLIV, 656 - XLV, 657 - XLVI, 658 - XLVII, 659 - XLVIII, 660 - XLIX, 661 - L, 662 - LI, 663 - LII, 664 - LIII, 665 - LIV, 666 - LV, 667 - LVI, 668 - LVII, 669 - LVIII, 670 - LIX, 671 - LX, 672 - LXI, 673 - LXII, 674 - LXIII, 675 - LXIV, 676 - LXV, 677 - LXVI, 678 - LXVII, 679 - LXVIII, 680 - LXIX, 681 - LXX, 682 - LXXI, 683 - LXXII, 684 - LXXIII, 685 - LXXIV, 686 - LXXV, 687 - LXXVI, 688 - LXXVII, 689 - LXXVIII, 690 - LXXIX, 691 - LXXX, 692 - LXXXI, 693 - LXXXII, 694 - LXXXIII, 695 - LXXXIV, 696 - LXXXV, 697 - LXXXVI, 698 - LXXXVII, 699 - LXXXVIII, 700 - LXXXIX, 701 - LXXXX, 702 - LXXXXI, 703 - LXXXXII, 704 - LXXXXIII, 705 - LXXXXIV, 706 - LXXXXV, 707 - LXXXXVI, 708 - LXXXXVII, 709 - LXXXXVIII, 710 - LXXXXIX, 711 - LXXXXX, 712 - LXXXXXI, 713 - LXXXXXII, 714 - LXXXXXIII, 715 - LXXXXXIV, 716 - LXXXXXV, 717 - LXXXXXVI, 718 - LXXXXXVII, 719 - LXXXXXVIII, 720 - LXXXXXIX, 721 - LXXXXXX, 722 - LXXXXXXI, 723 - LXXXXXXII, 724 - LXXXXXXIII, 725 - LXXXXXXIV, 726 - LXXXXXXV, 727 - LXXXXXXVI, 728 - LXXXXXXVII, 729 - LXXXXXXVIII, 730 - LXXXXXXIX, 731 - LXXXXXXX, 732 - LXXXXXXXI, 733 - LXXXXXXXII, 734 - LXXXXXXXIII, 735 - LXXXXXXXIV, 736 - LXXXXXXXV, 737 - LXXXXXXXVI, 738 - LXXXXXXXVII, 739 - LXXXXXXXVIII, 740 - LXXXXXXXIX, 741 - LXXXXXXXX, 742 - LXXXXXXXXI, 743 - LXXXXXXXXII, 744 - LXXXXXXXXIII, 745 - LXXXXXXXXIV, 746 - LXXXXXXXXV, 747 - LXXXXXXXXVI, 748 - LXXXXXXXXVII, 749 - LXXXXXXXXVIII, 750 - LXXXXXXXXIX, 751 - LXXXXXXXXX, 752 - LXXXXXXXXXI, 753 - LXXXXXXXXXII, 754 - LXXXXXXXXXIII, 755 - LXXXXXXXXXIV, 756 - LXXXXXXXXXV, 757 - LXXXXXXXXXVI, 758 - LXXXXXXXXXVII, 759 - LXXXXXXXXXVIII, 760 - LXXXXXXXXXIX, 761 - LXXXXXXXXXX, 762 - LXXXXXXXXXXI, 763 - LXXXXXXXXXXII, 764 - LXXXXXXXXXXIII, 765 - LXXXXXXXXXXIV, 766 - LXXXXXXXXXXV, 767 - LXXXXXXXXXXVI, 768 - LXXXXXXXXXXVII, 769 - LXXXXXXXXXXVIII, 770 - LXXXXXXXXXXIX, 771 - LXXXXXXXXXXX, 772 - LXXXXXXXXXXXI, 773 - LXXXXXXXXXXXII, 774 - LXXXXXXXXXXXIII, 775 - LXXXXXXXXXXXIV, 776 - LXXXXXXXXXXXV, 777 - LXXXXXXXXXXXVI, 778 - LXXXXXXXXXXXVII, 779 - LXXXXXXXXXXXVIII, 780 - LXXXXXXXXXXXIX, 781 - LXXXXXXXXXXXX, 782 - LXXXXXXXXXXXXI, 783 - LXXXXXXXXXXXXII, 784 - LXXXXXXXXXXXXIII, 785 - LXXXXXXXXXXXXIV, 786 - LXXXXXXXXXXXXV, 787 - LXXXXXXXXXXXXVI, 788 - LXXXXXXXXXXXXVII, 789 - LXXXXXXXXXXXXVIII, 790 - LXXXXXXXXXXXXIX, 791 - LXXXXXXXXXXXXX, 792 - LXXXXXXXXXXXXXI, 793 - LXXXXXXXXXXXXXII, 794 - LXXXXXXXXXXXXXIII, 795 - LXXXXXXXXXXXXXIV, 796 - LXXXXXXXXXXXXXV, 797 - LXXXXXXXXXXXXXVI, 798 - LXXXXXXXXXXXXXVII, 799 - LXXXXXXXXXXXXXVIII, 800 - LXXXXXXXXXXXXXIX, 801 - LXXXXXXXXXXXXXX, 802 - LXXXXXXXXXXXXXXI, 803 - LXXXXXXXXXXXXXXII, 804 - LXXXXXXXXXXXXXXIII, 805 - LXXXXXXXXXXXXXXIV, 806 - LXXXXXXXXXXXXXXV, 807 - LXXXXXXXXXXXXXXVI, 808 - LXXXXXXXXXXXXXXVII, 809 - LXXXXXXXXXXXXXXVIII, 810 - LXXXXXXXXXXXXXXIX, 811 - LXXXXXXXXXXXXXXX, 812 - LXXXXXXXXXXXXXXXI, 813 - LXXXXXXXXXXXXXXXII, 814 - LXXXXXXXXXXXXXXXIII, 815 - LXXXXXXXXXXXXXXXIV, 816 - LXXXXXXXXXXXXXXXV, 817 - LXXXXXXXXXXXXXXXVI, 818 - LXXXXXXXXXXXXXXXVII, 819 - LXXXXXXXXXXXXXXXVIII, 820 - LXXXXXXXXXXXXXXXIX, 821 - LXXXXXXXXXXXXXXXX, 822 - LXXXXXXXXXXXXXXI, 823 - LXXXXXXXXXXXXXXII, 824 - LXXXXXXXXXXXXXXIII, 825 - LXXXXXXXXXXXXXXIV, 826 - LXXXXXXXXXXXXXXV, 827 - LXXXXXXXXXXXXXXVI, 828 - LXXXXXXXXXXXXXXVII, 829 - LXXXXXXXXXXXXXXVIII, 830 - LXXXXXXXXXXXXXXIX, 831 - LXXXXXXXXXXXXXXX, 832 - LXXXXXXXXXXXXXXXI, 833 - LXXXXXXXXXXXXXXXII, 834 - LXXXXXXXXXXXXXXXIII, 835 - LXXXXXXXXXXXXXXXIV, 836 - LXXXXXXXXXXXXXXXV, 837 - LXXXXXXXXXXXXXXXVI, 838 - LXXXXXXXXXXXXXXXVII, 839 - LXXXXXXXXXXXXXXXVIII, 840 - LXXXXXXXXXXXXXXXIX, 841 - LXXXXXXXXXXXXXXXX, 842 - LXXXXXXXXXXXXXXI, 843 - LXXXXXXXXXXXXXXII, 844 - LXXXXXXXXXXXXXXIII, 845 - LXXXXXXXXXXXXXXIV, 846 - LXXXXXXXXXXXXXXV, 847 - LXXXXXXXXXXXXXXVI, 848 - LXXXXXXXXXXXXXXVII, 849 - LXXXXXXXXXXXXXXVIII, 850 - LXXXXXXXXXXXXXXIX, 851 - LXXXXXXXXXXXXXXX, 852 - LXXXXXXXXXXXXXXXI, 853 - LXXXXXXXXXXXXXXXII, 854 - LXXXXXXXXXXXXXXXIII, 855 - LXXXXXXXXXXXXXXXIV, 856 - LXXXXXXXXXXXXXXXV, 857 - LXXXXXXXXXXXXXXXVI, 858 - LXXXXXXXXXXXXXXXVII, 859 - LXXXXXXXXXXXXXXXVIII, 860 - LXXXXXXXXXXXXXXXIX, 861 - LXXXXXXXXXXXXXXXX, 862 - LXXXXXXXXXXXXXXI, 863 - LXXXXXXXXXXXXXXII, 864 - LXXXXXXXXXXXXXXIII, 865 - LXXXXXXXXXXXXXXIV, 866 - LXXXXXXXXXXXXXXV, 867 - LXXXXXXXXXXXXXXVI, 868 - LXXXXXXXXXXXXXXVII, 869 - LXXXXXXXXXXXXXXVIII, 870 - LXXXXXXXXXXXXXXIX, 871 - LXXXXXXXXXXXXXXX, 872 - LXXXXXXXXXXXXXXXI, 873 - LXXXXXXXXXXXXXXXII, 874 - LXXXXXXXXXXXXXXXIII, 875 - LXXXXXXXXXXXXXXXIV, 876 - LXXXXXXXXXXXXXXXV, 877 - LXXXXXXXXXXXXXXXVI, 878 - LXXXXXXXXXXXXXXXVII, 879 - LXXXXXXXXXXXXXXXVIII, 880 - LXXXXXXXXXXXXXXXIX, 881 - LXXXXXXXXXXXXXXXX, 882 - LXXXXXXXXXXXXXXI, 883 - LXXXXXXXXXXXXXXII, 884 - LXXXXXXXXXXXXXXIII, 885 - LXXXXXXXXXXXXXXIV, 886 - LXXXXXXXXXXXXXXV, 887 - LXXXXXXXXXXXXXXVI, 888 - LXXXXXXXXXXXXXXVII, 889 - LXXXXXXXXXXXXXXVIII, 890 - LXXXXXXXXXXXXXXIX, 891 - LXXXXXXXXXXXXXXX, 892 - LXXXXXXXXXXXXXXXI, 893 - LXXXXXXXXXXXXXXXII, 894 - LXXXXXXXXXXXXXXXIII, 895 - LXXXXXXXXXXXXXXXIV, 896 - LXXXXXXXXXXXXXXXV, 897 - LXXXXXXXXXXXXXXXVI, 898 - LXXXXXXXXXXXXXXXVII, 899 - LXXXXXXXXXXXXXXXVIII, 900 - LXXXXXXXXXXXXXXXIX, 901 - LXXXXXXXXXXXXXXXX, 902 - LXXXXXXXXXXXXXXI, 903 - LXXXXXXXXXXXXXXII, 904 - LXXXXXXXXXXXXXXIII, 905 - LXXXXXXXXXXXXXXIV, 906 - LXXXXXXXXXXXXXXV, 907 - LXXXXXXXXXXXXXXVI, 908 - LXXXXXXXXXXXXXXVII, 909 - LXXXXXXXXXXXXXXVIII, 910 - LXXXXXXXXXXXXXXIX, 911 - LXXXXXXXXXXXXXXX, 912 - LXXXXXXXXXXXXXXXI, 913 - LXXXXXXXXXXXXXXXII, 914 - LXXXXXXXXXXXXXXXIII, 915 - LXXXXXXXXXXXXXXXIV, 916 - LXXXXXXXXXXXXXXXV, 917 - LXXXXXXXXXXXXXXXVI, 918 - LXXXXXXXXXXXXXXXVII, 919 - LXXXXXXXXXXXXXXXVIII, 920 - LXXXXXXXXXXXXXXXIX, 921 - LXXXXXXXXXXXXXXXX, 922 - LXXXXXXXXXXXXXXI, 923 - LXXXXXXXXXXXXXXII, 924 - LXXXXXXXXXXXXXXIII, 925 - LXXXXXXXXXXXXXXIV, 926 - LXXXXXXXXXXXXXXV, 927 - LXXXXXXXXXXXXXXVI, 928 - LXXXXXXXXXXXXXXVII, 929 - LXXXXXXXXXXXXXXVIII, 930 - LXXXXXXXXXXXXXXIX, 931 - LXXXXXXXXXXXXXXX, 932 - LXXXXXXXXXXXXXXXI, 933 - LXXXXXXXXXXXXXXXII, 934 - LXXXXXXXXXXXXXXXIII, 935 - LXXXXXXXXXXXXXXXIV, 936 - LXXXXXXXXXXXXXXXV, 937 - LXXXXXXXXXXXXXXXVI, 938 - LXXXXXXXXXXXXXXXVII, 939 - LXXXXXXXXXXXXXXXVIII, 940 - LXXXXXXXXXXXXXXXIX, 941 - LXXXXXXXXXXXXXXXX, 942 - LXXXXXXXXXXXXXXI, 943 - LXXXXXXXXXXXXXXII, 944 - LXXXXXXXXXXXXXXIII, 945 - LXXXXXXXXXXXXXXIV, 946 - LXXXXXXXXXXXXXXV, 947 - LXXXXXXXXXXXXXXVI, 948 - LXXXXXXXXXXXXXXVII, 949 - LXXXXXXXXXXXXXXVIII, 950 - LXXXXXXXXXXXXXXIX, 951 - LXXXXXXXXXXXXXXX, 952 - LXXXXXXXXXXXXXXXI, 953 - LXXXXXXXXXXXXXXXII, 954 - LXXXXXXXXXXXXXXXIII, 955 - LXXXXXXXXXXXXXXXIV, 956 - LXXXXXXXXXXXXXXXV, 957 - LXXXXXXXXXXXXXXXVI, 958 - LXXXXXXXXXXXXXXXVII, 959 - LXXXXXXXXXXXXXXXVIII, 960 - LXXXXXXXXXXXXXXXIX, 961 - LXXXXXXXXXXXXXXXX, 962 - LXXXXXXXXXXXXXXI, 963 - LXXXXXXXXXXXXXXII, 964 - LXXXXXXXXXXXXXXIII, 965 - LXXXXXXXXXXXXXXIV, 966 - LXXXXXXXXXXXXXXV, 967 - LXXXXXXXXXXXXXXVI, 968 - LXXXXXXXXXXXXXXVII, 969 - LXXXXXXXXXXXXXXVIII, 970 - LXXXXXXXXXXXXXXIX, 971 - LXXXXXXXXXXXXXXX, 972 - LXXXXXXXXXXXXXXXI, 973 - LXXXXXXXXXXXXXXXII, 974 - LXXXXXXXXXXXXXXXIII, 975 - LXXXXXXXXXXXXXXXIV, 976 - LXXXXXXXXXXXXXXXV, 977 - LXXXXXXXXXXXXXXXVI, 978 - LXXXXXXXXXXXXXXXVII, 979 - LXXXXXXXXXXXXXXXVIII, 980 - LXXXXXXXXXXXXXXXIX, 981 - LXXXXXXXXXXXXXXXX, 982 - LXXXXXXXXXXXXXXI, 983 - LXXXXXXXXXXXXXXII, 984 - LXXXXXXXXXXXXXXIII, 985 - LXXXXXXXXXXXXXXIV, 986 - LXXXXXXXXXXXXXXV, 987 - LXXXXXXXXXXXXXXVI, 988 - LXXXXXXXXXXXXXXVII, 989 - LXXXXXXXXXXXXXXVIII, 990 - LXXXXXXXXXXXXXXIX, 991 - LXXXXXXXXXXXXXXX, 992 - LXXXXXXXXXXXXXXXI, 993 - LXXXXXXXXXXXXXXXII, 994 - LXXXXXXXXXXXXXXXIII, 995 - LXXXXXXXXXXXXXXXIV, 996 - LXXXXXXXXXXXXXXXV, 997 - LXXXXXXXXXXXXXXXVI, 998 - LXXXXXXXXXXXXXXXVII, 999 - LXXXXXXXXXXXXXXXVIII, 1000 - LXXXXXXXXXXXXXXXIX
- 5. REFERÊNCIA: -
- 7. ANEXO: -

INTRODUÇÃO

1. No dia 15 de junho p.p. foi presa pela SGT. CELIA PEIXOTO BIPPENCOURN em face de uma de que, na sua residência na SQS-409, Entrada "B", havia uma "bomba de fumo".

2. Realizada a diligência com Mandado de Verificou-se a existência, no local, de um filho do Deputado SANTILHEIRA (SU 11A) por Foram presos naquele endereço: SIDENTE na Rua Bloco "F", DE SANSON NETO residente na SHG-712, BLASA NORTE, que utilizavam o Gabinete FABRICA NA CELIA. No bloco de vigilância sob detidos, quando lá entravam LUZ ROBERTO FORTI

3. Em face da documentação apreendida na SQS-409, DE fez um contato com a 2ª Sec/CMP-11ARIA prosseguir, fazendo bloco "F", Apt 203 Considerando o a CIA de elementos perttava sendo investigada DIRA NESTOR DOS SANTOS al do DOI/CMP

4. Nos dias 16 e 17 de junho de 1964, foram presos e apurados os seguintes indivíduos: versão e elementos desconhecidos ou que ACRESCIA de que DE OLIVEIRA MITCHELL, 6, por viajar com nome para BRASÍLIA, e dona

UM CORPO.

Investigação

Projeto 'Laboratório-Memória'

Projeto 'Laboratório-Memória'

Erica Ferrari

Uma obra pública para produção, observação e troca

A construção de outros marcos de memórias, dos sujeitos inviabilizados pela história oficial e excluídos do sistema de ordenação social e econômica da cidade exige outras formas estéticas. As revoluções se dão pelos corpos dissidentes, pelas mulheres, pelos subalternos: o direito à memória é direito ao espaço público. A partir disso, podemos ponderar sobre novas maneiras de pensar o monumento, como movimento social que se solidifica na fisicalidade. Em São Paulo, as ocupações de moradia no centro histórico são os marcos sociais mais significativos da metrópole: consequência e ápice reivindicatório de todo o histórico distópico da cidade, envolvendo a imigração e migração maciça, a falácia do sonho de ascensão financeira, a capitalização do espaço urbano e a profunda desigualdade social.

São os monumentos possíveis resultantes do projeto moderno, obras-espelho da realidade, mas, ao mesmo tempo, alavancas para a imaginação de uma outra, com mais justiça social. O monumento como movimento social que se solidifica: se pensarmos que a escrita da História fixando determinadas memórias de acordo com o ponto de vista de seus narradores, as redes sociais hoje podem ser entendidas como uma fonte potente para a proliferação de outras memórias. A narrativa disseminada pelos usuários e os recursos próprios das plataformas, como as hashtags, habilitam um renovado modo de fixar informações sobre lugares e acontecimentos. Se as Ocupações paulitanas podem ser vistas como uma contraofensiva ao imaginário forjado pelo projeto distópico oligárquico para São Paulo, é possível expandir a modificação das memórias estabelecidas através da atividade virtual e plástica conjunta? Poderíamos imaginar os monumentos do futuro

se constituindo de forma oposta ao tradicional, ou seja, através da narração histórica de uma massa de indivíduos, como um laboratório constante, uma operação poética-política materializada através de obras escultóricas?

Sobre a instalação 'Laboratório-Memória – um jardim de esculturas distópico'

Um local, um espaço de trabalho – penso em um ambiente de produção, observação e troca formada por dois níveis de interação: Solo e Plataforma. O nível Solo constituído por uma série de nichos abertos envolvidos em telas fachadeiras em diferentes disposições, apresentando uma estrutura parcialmente translúcida e maleável, como um labirinto frouxo. As telas serão utilizadas como repositório de material de referência: impressões diárias de posts de redes sociais, fotos pessoais coletadas

de diversas origens, registros de obras do acervo do Museu Paulista, fotos dos monumentos da cidade e intervenções, matérias da internet do dia como a assimilação da memória instantânea de assuntos relevantes (políticos, estéticos, sociais). Esse acúmulo de informações será a base para a criação nos espaços de trabalho no interior desses nichos. Equipados com mesas, ferramentas e material de modelagem, será fomentada a discussão e criação de possíveis monumentos da atualidade, com a intenção de refletir sobre as memórias solidificadas historicamente, as dissipadas pelas redes sociais hoje e o recorte histórico implícito nelas. A ideia é repensar a prática escultórica através do próprio corpo, do fazer manual, e da tradução crítica da realidade para uma obra.

E na Plataforma, o nível do Solo com os espaços de trabalho e o labirinto poderá ser observado. O parque de esculturas com as peças produzi-

das pode subir para a Plataforma, configurando um ambiente expositivo aberto, sujeito às intempéries. Seminários e a observação da paisagem também podem acontecer na Plataforma. Como referência direta para o trabalho, temos a disposição dos sítios arqueológicos, como uma imagem distópica do futuro através do presente.

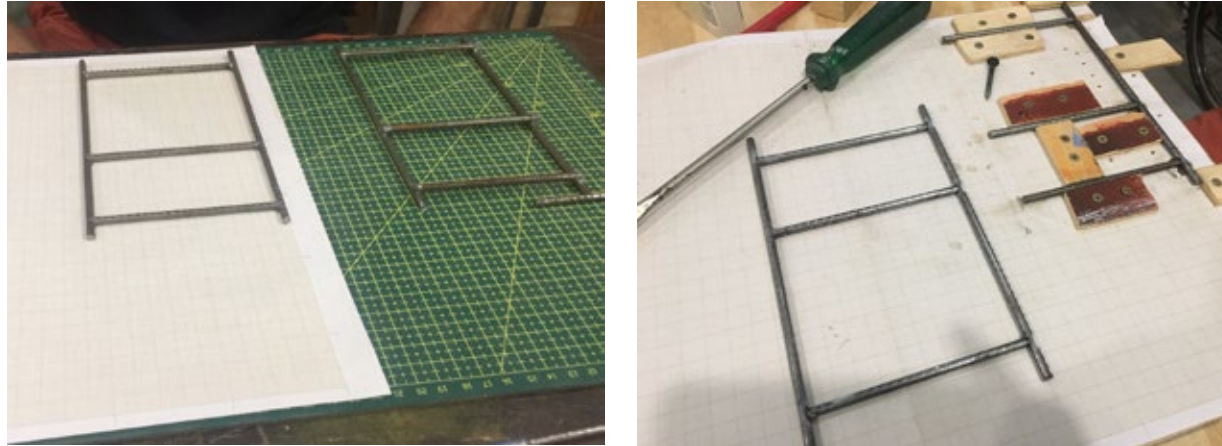
Este é um projeto para uma obra pública. Pode ser montado em um ambiente semiaberto já existente (sob uma marquise ou dentro de algum edifício) ou como uma estrutura autossuficiente (utilizando plásticos para proteção às intempéries). A configuração e quantidade de andaimes, determinando assim o tamanho final da instalação, pode variar e se adaptar ao espaço disponível.

Os materiais utilizados para fazer as obras serão coletados na área circundante e adquiridos de fornecedores com pronta entrega (madeira, argila,

plástico, pedras, arame, etc.) A maquete e desenhos aqui apresentados são um exemplo de configuração.

O projeto é pensado como um centro de produção e reflexão com base nas condições políticas e históricas locais e em seus habitantes, pretendendo desenvolver-se como uma experiência durante determinado espaço de tempo. A ideia é propiciar o envolvimento contínuo e de diferentes níveis de engajamento do maior número possível de frequentadores dos locais, oferecendo o espaço de trabalho de ateliê, de produção, de crítica e estudo, mas também de encontros e lazer.

Processo de execução de maquete,
Erica Ferrari.



Maquete,
Erica Ferrari.

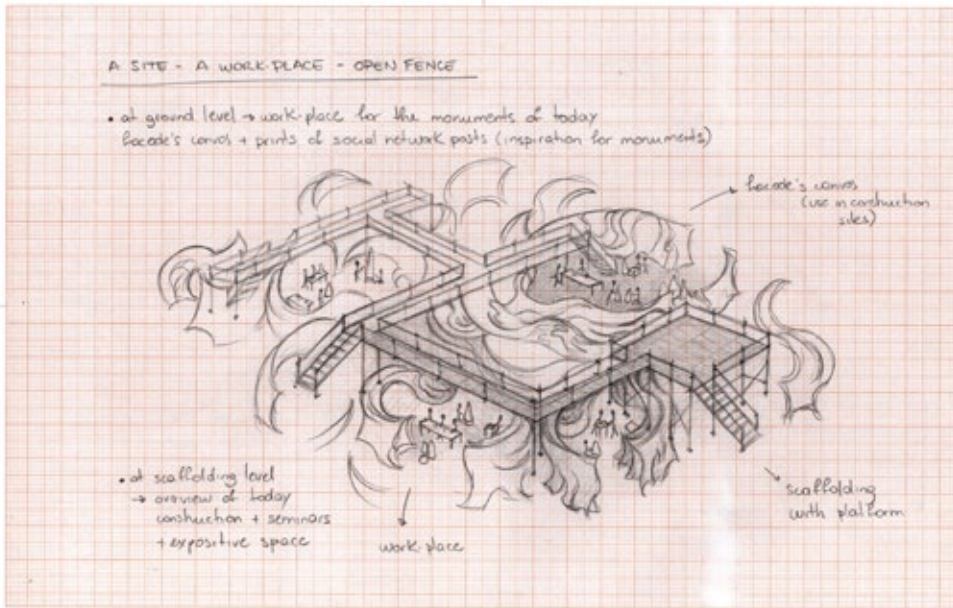
Maquete,
Erica Ferrari.





Maquete,
Erica Ferrari.





Desenhos projetivos,
Erica Ferrari.

